

Procissão do Bom Jesus foi uma festa no mar

Milhares de fiéis, com muita emoção, reverenciaram ontem o Nosso Senhor Bom Jesus dos Navegantes. A parte religiosa da festa começou cedo, com alvorada e missa na Igreja da Boa Viagem, tendo, às 8 horas, o arcebispo auxiliar da arquidiocese de Salvador, dom Thomas Murphy, presidido a concelebração na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, auxiliado pelo padre Osmar e pelos diáconos Casemiro e Rosalvo.

Em sua homilia, dom Thomas Murphy, lembrando Nossa Senhora, fez um apelo para a paz e para o fim do egoísmo dos fiéis neste ano que se inicia. A Conceição da Praia estava completamente lotada, durante a missa em louvor ao Nosso Senhor Bom Jesus dos Navegantes e o ritual religioso começou um pouco atrasado (às 8h15 min) e terminou às 9h25min, sob o som do órgão e do coral da igreja.

A procissão terrestre do Senhor dos Navegantes realizou-se este ano em clima de tristeza, em consequência da ausência de dom Avelar, lembrado durante o trajeto para o II Distrito Naval, pelos irmãos da devoção do Bom Jesus. Quando a imagem de Nossa Senhora da Conceição (a primeira a surgir) apareceu na porta da igreja, os fiéis, que se comprimiam na rua, irromperam em aplausos.

NA GALEOTA

Acompanhado pelas imagens de Nossa Senhora da Conceição e de Santo Antônio, que o levaram até o embarque na galeota "Gratidão do Povo" no cais do II DN, Nosso Senhor Bom Jesus dos Navegantes foi ovacionado durante todo o trajeto em torno do Mercado Modelo. Enquanto os fiéis cantavam hinos, nas embarcações próximas à Rampa do Mercado Modelo a parte profana da festa acontecia com muito samba e bebidas.

Como ocorre todos os anos, os responsáveis pelas embarcações não seguiram as recomendações do II Distrito Naval e desobedeceram o limite quanto ao número de passageiros estabelecido para os barcos. Na galeota "Gratidão do Povo" mais uma lembrança da morte recente do cardeal Brandão Vilela. Em cima da embarcação, uma faixa dizia "Dom Avelar você está presente".

No cais do II Distrito Naval, a imagem do Nosso Senhor Bom Jesus dos Navegantes foi saudada com muitos fogos, hinos e orações e, quando começou a descer a escadaria do cais, os devotos atiravam água de cheiro, arroz e moedas. Após o embarque do Senhor Bom Jesus, os fiéis retornaram com as imagens de Santo Antônio e Nossa Senhora da Conceição.

500 EMBARCAÇÕES

No mar, segundo previsão do "Clube de Saveiros", 500 embarcações de todos os tamanhos e tipos, enfeitadas com bandeiras e, muitas delas, com orquestras completas, saudaram o Nosso Senhor Bom Jesus dos Navegantes, iniciando a procissão marítima em um trajeto de 12 quilômetros pela Baía de Todos os Santos.

Enquanto isso, na Igreja da Boa Viagem,

as missas se sucediam, oficiadas pelo monsenhor Luna e pelos padres Osmar e Washington. As 18 horas, houve a grande concentração popular, em frente à igreja da Boa Viagem, com uma pregação do monsenhor Luna.

Ontem, o arcebispo auxiliar de Salvador e presidente do Conselho de Consultores, dom Thomas Murphy, atualmente responsável pela administração da arquidiocese de Salvador, lembrou que a cúpula religiosa está preocupada em dar continuidade ao trabalho realizado no campo espiritual por dom Avelar Brandão Vilela.

Salientou que dom Avelar era uma pessoa que reunia uma gama de talentos muito grande, sendo possuidor de uma extraordinária capacidade individual. "Por isso, nós da Igreja, estamos preocupados em desenvolver um trabalho coletivo, em equipe, para levar adiante o que vinha sendo feito pelo saudoso cardeal", disse.

Povo festejou na Boa Viagem

Apesar da falta de animação, dos altos preços das bebidas e um precário sistema de transporte, o baiano e o turista foram à festa da Boa Viagem e comemorou a passagem de ano, no maior e mais barato *reveillon* de rua do País. Lá, não houve o espocar do champagne e nem o traje a rigor, comum nos grandes bailes, porém, todos saudaram com muita alegria, espontaneidade e esperança a entrada de 1987.

Na grande festa popular, o traje que predominou foi o branco, uma tradição na Bahia, numa homenagem ao Senhor do Bonfim (Oxalá, no sincretismo religioso), tudo espontâneo, sem qualquer exigência prévia. Ao som de músicas carnavalescas, os foliões se concentraram nas barracas, tomando cerveja em razão do forte calor, outros preferiram o banho de mar para tirar os azares do ano velho e levaram também suas oferendas à rainha do mar, lemanjá: flores, sabonetes, pentes, perfumes e outros presentes.

AS DIFICULDADES

Somente a partir das primeiras horas da madrugada de ontem, a população tomou todas as ruas do bairro da Boa Viagem, para chegar no local da festa depois da meia-noite, mas sofreu muito com a falta de transporte, além de um grande engarrafamento desde a Av. Dendezeiros até próximo ao Largo da Boa Viagem, uma vez que o Detran impediu o tráfego de veículos pela Av. Luis Tarquinio. Muita gente preferiu saltar dos ônibus no Largo do Bonfim, ou deixar seus veículos estacionados naquela área, seguindo andando até o local da festa. Ônibus e veículos particulares ficaram parados na transversal que liga a Av. Dendezeiros à Av. Luis Tarquinio.

Além da falta de transporte, quem foi à Boa Viagem reclamou muito dos preços das bebidas e comidas, pois, normalmente, nas festas populares de Salvador, não há

fiscalização. A cerveja, bebida mais procurada em razão do forte calor, estava sendo vendida por Cz\$20,00 e Cz\$25,00 e faltou em muitas barracas, uma vez que os pedidos feitos pelos barraqueiros não foram atendidos pelas indústrias. Os vendedores ambulantes e barraqueiros alegavam que a pouca cerveja que tinham conseguido, tiveram que pagar com água.

Marinho Pedro dos Santos, que tem ponto fixo na Boa Viagem, ("Barraca Unicóbre"), disse que mesmo com a falta de cerveja, o movimento foi pouco, porque o povo não tem dinheiro para pagar cerveja a Cz\$20,00. Ele mesmo, até ontem pela manhã, só havia vendido duas caixas de cervejas. E queixou-se ainda do agio que os barraqueiros têm pago na compra das bebidas. Disse que a caixa da cerveja, comprada diretamente, custa Cz\$216,00, mas as indústrias não entregam. Por isso, têm que comprar na mão do intermediário ao preço de Cz\$316,00 ou Cz\$340,00. A caixa de refrigerante custa Cz\$35,00, com água passa para Cz\$60,00 e o gelo no frigorífico fica por Cz\$25,00 a pedra, mas quando chega nas barracas já está por Cz\$40,00. Deixou claro que o agio tem que ser repassado para o consumidor para que o comerciante tenha algum lucro.

BATIDA MAIS CARA

Mas quem não podia comprar cerveja, pagou por uma batida de limão até Cz\$10,00, a depender da barraca. Os barraqueiros vendiam também conhaque ou uísque nacional. A comida estava muito cara e as bananas de acarajé resolveram aumentar os preços de suas iguarias. O acarajé simples estava por Cz\$10,00 e com camarão por Cz\$15,00. Até os garotos que vendem amendoim arranjaram um jeito de cobrar o seu agio: diminuíram a quantidade do amendoim, por pacote, e colocaram mais areia para enganar os incautos. O preço por pacote estava por Cz\$1,00. Nas barracas que vendem comida, o prato feito — feijão, arroz, vatapá, moqueca de peixe ou galinha de xinxim —, estava por Cz\$100,00, mesmo com o grande fluxo de pessoas, os barraqueiros disseram que a comercialização foi baixa.

O folião, aquele que gosta do Carnaval de rua, reclamou da falta de animação, porque as autoridades não se interessam em ajudar aos organizadores dessas festas e, na Boa Viagem, faltou trio-elétrico e um maior número de blocos. Os barraqueiros, para suprir essa deficiência, colocaram em suas barracas caixas de sons acopladas aos aparelhos de rádios sintonizados em emissoras FM que tinham programação de música carnavalesca.

Outra reclamação do folião foi com relação ao espaço para brincar, porque, na Boa Viagem, a prefeitura permitiu que algumas barracas fossem armadas no meio da praça, além de uma enorme roda-gigante acoplada numa carroceria de caminhão, que tomou todo o espaço que poderia ser reservado para o povo brincar e sambar.